

Um deserto de solidão e esquecimento

Mônica Gomes da Silva (UFF/ CNPq)

A fim de se estudar como a questão memorável é elemento constitutivo e estrutural da obra *Cem anos de solidão*, partimos do conceito de que o esquecimento atua como desterro, solidão e morte. O desencanto presente nas existências social e subjetiva provém da impossibilidade, coletiva e individual, em encontrar sentido para a existência. O desabrigo transcendental do romance constrói-se por meio de experiências interditas, que fogem à linearidade, contrastando tempos, marcados pela incomunicabilidade da experiência.

Amnésias, repetições, recalques e manipulações atuarão para que não se atinja uma totalidade, na medida em que a trama narrativa é fragmentada pelo ir-e-vir da memória. A operação memorável jamais será mera cópia do passado, mas recuperação ou negação desse mesmo passado, sob a forma de sinais e vestígios. O esquecimento atuará como o espaço criativo da narração, já que a seletividade apresentar-nos-á os espaços interditos nos quais o narrador, em uma tentativa de resistir à dissolução do tempo, descobre outras formas de contemplação, além dos acontecimentos rápidos e sucessivos.

Percebe-se como a dinâmica temporal e memorável é estabelecida por meio da transição de um tempo mítico, áureo, próprio da gênese de um povo, passando pelo ápice de prosperidade até, finalmente, a decadência e a degradação de valores morais e sociais com a conseqüente destruição final. A utopia de paraíso terrestre é desgastada, corroída e aniquilada, na medida em que a estrutura cíclica de *Cem anos de solidão* é a responsável pela perda de sentido histórico: “A história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que

continuará dando voltas até a eternidade, se não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do eixo” (MÁRQUEZ, 2003, p. 365).

A questão memorável constituirá não somente a estrutura e tema da narrativa, mas estará diretamente ligada à formação da identidade, visto que a narração é o meio pelo qual se funda o sujeito:

Defini a questão que nos ocupa como a da importância da narração para a constituição do sujeito. Essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento (GAGNEBIN, 1994, p. 3).

Percebemos como o conceito de memória é intrínseco ao de narrativa. A narração é a responsável por fundar o sujeito, ademais de salvar do esquecimento uma passagem, um acontecimento, isto é, a função primordial da narrativa é “rememorar”, recordar algo que se perderia com o passar do tempo e com a morte. A narrativa é, conforme essa perspectiva, a tentativa de luta contra a aniquilação final.

A trama narrativa de *Cem de anos de solidão* é a rememoração, lembrança de um narrador onisciente que se move com fluidez entre os acontecimentos, cuja seqüência não é linear, mas com avanços e retrocessos. Emblematicamente, Macondo e seus habitantes existem enquanto a narrativa ocorre. A partir do momento que a história narrada nos pergaminhos de Melquíades termina, Macondo é destruída. No romance, visceralmente, a narrativa é resistência e existência.

Como assinala Ariel Dorfman ([s. d.], p. 110), há uma estrutura narrativa baseada em “muchos años después x recordó”, junto a uma série de antecipações do narrador acerca do futuro transcurso dos acontecimentos. Isso não é apenas uma forma de associação do passado a partir das evocações melancólicas dos personagens, mas também um modo de indicar a coexistência desse futuro e desse passado em que se move o narrador. Para ele, é como se o tempo fosse um eterno presente, pois tudo já aconteceu quando inicia a história; sua onisciência, entretanto,

não é unicamente um recurso técnico. O fato de conhecer toda a saga dos Buendía permite-lhe antecipar e recordar sem esforço, interligando fatos e comentando os diferentes momentos, em que sua visão totalizadora converte tudo em imaginação e garante a presença do mágico e do sobrenatural como verossímeis e normais.

No entanto, essa clarividência e sentido histórico estão ausentes dos personagens, ou são lampejos que duram alguns momentos, mas nem por isso, suficientes em aplacar a angústia de existir. Ao contrário, o conhecimento sobre o futuro tão-somente aumenta o isolamento. O coronel Aureliano e Amaranta são exemplos de personagens que possuem uma “pré-visão” do futuro: o coronel se desvencilha de todas as emboscadas, escapando inúmeras vezes de morrer, e sua irmã anuncia o dia da própria morte, todavia esse conhecimento só reforça a solidão e o desencanto com a existência.

Se o lampejo de onisciência não garante um sentido para os personagens, voltar-se para o passado será a solução encontrada por muitos como forma de atribuir sentidos à realidade, em meio ao caos que se instala em Macondo, depois dos surtos de modernização. É o meio de afirmar territórios em um mundo marcado pela progressiva fragmentação, funcionando como ancoragem do eu. A lembrança, ainda que passe por um período de recalçamento, emerge após um longo e doloroso luto por parte dos personagens. Úrsula, já em sua velhice, cega e decrépita, reelabora toda a sua existência e ao abandonar antigas mágoas passadas, supera ressentimentos e entende melhor a si e aos familiares. Já outros personagens recorrerão às lembranças como alívio contra uma realidade que já não podem manejar, inaugurando um ciclo de atitudes repetitivas:

Vendo-o [Aureliano Segundo] colocar os trincos e desmontar os relógios, Fernanda se perguntou se não estaria também caindo no vício de fazer para desfazer, como o Coronel Aureliano Buendía com os peixinhos de ouro, Amaranta com os botões e a mortalha, José Arcádio Segundo com os pergaminhos e Úrsula com as lembranças (MÁRQUEZ, 2003, p. 290).

Fernanda também participa desse mecanismo, cujo ato defensivo é recordar o que proporciona alívio e recalando o que incomoda e causa mágoas. A esposa de Aureliano Segundo atém-se a um passado de grandezas — representado pelo penico de ouro, alvo de escárnio dos Buendía — para não sofrer com a pétrea e angustiosa realidade que a rodeia. Assim, a memória é revelação (e não registro) de algo que é vivido e representado psicicamente, ao mesmo tempo em que também é encobrimento. Fernanda, no fundo, sabe que sua família fidalga era falida e responsável por empurrá-la para uma realidade além de tudo que conhecia de dentro dos muros da antiga “ciudadela”, mas elege encobrir o passado com uma aura de nobreza e dignidade.

As rivais Amaranta e Rebeca também recorrem a objetos como forma de trazer o passado sempre presente e como uma expiação de culpas reais ou imaginárias. Rebeca, atormentada pelo exílio imposto por Úrsula e os demais familiares, volta a comer terra e, assim, resgata o tempo em que era somente recém-chegada a Macondo, anterior a todos os problemas e disputas com Amaranta. Já Amaranta, ao contrário do irmão, o Coronel Aureliano que “tinha conseguido esterilizar as lembranças, ela só tinha conseguido avivá-las” (MÁRQUEZ, 2003, p. 254), seja por meio das gases negras nos pulsos como eterno símbolo de sua indiferença letal com Pietro Caspi, seja por meio do ódio nutrido contra Rebeca e que procurava incutir a todos que conhecia, tecendo uma rica mortalha para sua rival, que no fim acaba sendo usada por si mesma. O romance é composto por um conjunto de memórias individuais, desgastadas pelo tempo e pelo esquecimento, transformando-se em latências armazenadas que, quando reativadas, revelam a solidão desses indivíduos.

As temporalidades coexistentes no período de um século e meio em que acontece a história é o recurso e a alegoria responsáveis pela complexidade do romance e elemento da “máquina de lembranças” dos personagens. A história de

Macondo e suas mudanças ao longo do tempo é a síntese da colonização da América Latina. A saudade de um tempo simples¹, no qual reinava a harmonia, é a representação de um tempo mítico inicial em que predominava a abundância e todos os homens eram livres. A idéia de paraíso terrestre provém dos primeiros colonizadores que viam a América como possível lugar de realização da utopia de uma nova Idade do Ouro.

A idéia de progresso e da busca por melhorias técnicas, envolvendo de uma só vez os ideais renascentistas (a alquimia é o expoente mais perceptível) e iluministas (bem-estar social para todos), representa as mudanças por que passaram a América nos séculos XVII e XIX, como o advento de técnicas e ideais revolucionários. Em Macondo, é o auge de prosperidade da família Buendía e do povoado, com a incansável e tenaz Úrsula a frente dos empreendimentos familiares. No entanto, o colapso provocado pela expolição estrangeira e as guerras contra um governo opressor marcam o fim da estirpe dos Buendía e, por conseguinte, de Macondo. O tempo de felicidade inicial passa e, no fim, resta o desalento, desespero e decadência; como na América será o abandono da utopia de paraíso terrestre em favor da idéia de lugar de barbárie, sem saída, culminando no negro período das ditaduras militares que agem em conjunto com as forças imperialistas.

O deserto de solidão e esquecimento onde habita a família Buendía é reforçado por um processo histórico opressivo. Na verdade, a coexistência desses tempos produz um sentimento de nostalgia pelo que passou, já que o futuro significa o caos, o colapso, o fim. Em processo similar ao processo de lembranças individuais, o coletivo é engolfado por uma não-contemporaneidade, em que o simbolismo do passado, em um período de crise, funciona como alívio. Esse conceito de Régine Robin é pertinente para tratar dessa insurreição de formas de consciência pré-moderna e pré-industriais, com uma grande hostilidade ao progresso, característica do abatimento que dominará Macondo. Os últimos dias do povoado são marcados pelas

desesperadas e isoladas tentativas de modernização de Amaranta Úrsula perante uma população cuja memória recorria a caminhos que não tinham regresso ou saída.

O teórico Maurice Halbwachs², em seus estudos acerca do conceito de memória, defende a tese de que a memória é uma construção social. Ao estudar a questão da memória, propicia a fundação de uma teoria da memória coletiva, possibilitando que se pense sobre as condições sociais da produção da lembrança e do esquecimento, e permite que se visualize as interações, sempre dinâmicas, entre passado e presente, indivíduos e grupos, experiências vividas ou transmitidas e, por fim, os usos sociais da história. A memória coletiva passa a ser vista em sua dimensão cultural e simbólica.

A partir desse conceito, elegemos estudar as relações da memória coletiva presentes em *Cem anos de solidão*, especialmente, a memória coletiva em relação ao esquecimento. A memória coletiva é aquela vivenciada pelos grupos, recordação de um fato vivido e interpretação, testemunho, comemorações e celebrações, sendo, também, os mitos coletivos. Em sua dialética com as diferentes formas de esquecimento que, segundo Ricœur (2007), é silêncio, apagamento, erosão, repressão, pretendemos estudar a crítica existente na obra de García Márquez.

Para Ricœur, o esquecimento pode ser sintetizado em três formas: memória impedida, memória manipulada e esquecimento comandado. O primeiro é associado ao conceito de inconsciente freudiano, o segundo estaria relacionado à seleção da narrativa, já que lembrar um fato é esquecer outro no processo seletivo de escrita. O terceiro diz respeito ao esquecimento institucional, como controle ideológico da memória. Este último é o conceito que nos fornece os elementos para explicar a repressão que ocorre em Macondo após a guerra.

O episódio do massacre dos trabalhadores é o exemplo mais nítido de como a memória coletiva pode ser controlada segundo os interesses de um governo, confirmando a relação entre memória e poder. O massacre é presenciado por José

Arcadio Segundo, que, inicialmente, por medo, isola-se do mundo. Levará consigo, até o fim da vida, a lembrança do crime agravada pela recordação traumática do fuzilamento presenciado na infância. No entanto, como um dos únicos sobreviventes do massacre, sustentará a versão dos trabalhadores mortos e levados de trem até o mar, onde seus corpos são jogados. Entretanto, a versão oficial será a volta dos trabalhadores para suas cidades de origem. Essa versão, feita imediatamente após o massacre com vistas a encobrir o crime e diminuir o ímpeto coletivo de reivindicações por condições de trabalho mais justas (tudo ocorre porque conseguiram um dia de descanso semanal), é propagada de todas as formas e meios.

O massacre marca o início do fim de Macondo. A chuva que segue é o tempo marcado pelo senhor Brown para retomar as atividades da companhia, pode ser interpretada como a dor de José Arcadio Segundo que deixa de ser íntima e se expande para a trama adquirindo grandes proporções. Quando a chuva termina, ele morre, esquecido e isolado, carregando consigo as recordações desse crime. Anos depois, a versão do massacre era que nem a companhia bananeira havia existido, e o Coronel Aureliano Buendía era uma lenda inventada para “matar os liberais”. Somente Aureliano Babilonia e Gabriel (bisneto de Gerineldo Márquez) guardam a lembrança desses fatos, criando um vínculo memorável e afetivo entre eles.

O segundo acontecimento que relacionamos com a memória coletiva é a comemoração do tratado de Neerlândia. Como vimos, a memória coletiva pode ser construída por meio dessas recordações festivas, na qual se enaltece um feito. Mas na obra de García Márquez, há uma crítica em relação ao oportunismo e manipulação políticos. A comemoração do Tratado tenta consolidar uma imagem democrática do governo, que teria conseguido a paz para a nação. Como emblema da vitória, realiza uma festa em pleno carnaval, para o Coronel Aureliano Buendía, antigo inimigo do governo, enquanto se recusava a conceder a aposentadoria dos que haviam lutado na guerra. Mas Aureliano percebe a manobra política e se recusa a participar.

Concluímos que a tentativa de fixar os acontecimentos, seja por mecanismos de preservação escrita e visuais, ou então por meio das comemorações, atuam como elementos de construção seletiva da memória que engendra, sobretudo, a questão do poder. Ao eleger o que deve ser recordado e o que deve ser esquecido, as instâncias de poder se tornam senhoras da memória, aliás duramente criticadas no romance de Gabriel García Márquez, que desvenda as relações entre memória/ poder/ oportunismo.

Referências

BARBOSA, Marialva. Jornalismo impresso e a construção de uma memória para sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia V. (Orgs.) *Comunicação, acontecimento e memória*. São Paulo: Intercom, 2005.

DORFMAN, Ariel. La muerte como acto imaginativo en *Cien años de soledad*. In: F. GIACOMAN, Helmy (Org.). *Homenaje a Gabriel García Márquez*. [S. l.]: [s. n.], [s. d.]. p. 107-139.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP; Campinas: Editora da Unicamp, 1994. (Coleção Estudos: 142).

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 419-471.

_____. Tempos míticos. In: *História e memória*. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 283-322.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Tradução de Eliane Zagury. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

RICŒUR, Paul. O esquecimento de recordação: usos e abusos. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 451-459.

ROBIN, Régine. Le mémoriel. In: *Le roman mémoriel: de l'histoire à l'écriture du hors-lieu*. Montreal: Le Préambule, 1989. p. 47-73.

Notas

¹ Conceitos estudados no capítulo “Idades míticas” de Le Goff, 2003, p. 283-322.

² Sociólogo francês (1877-1945). Aluno de Bérgrson e de Dukheim, estudou sobretudo as condições de recordação, estabelecendo uma ponte entre a psicologia e a sociologia. Estudamos sua obra a partir do artigo de Marialva Barbosa e do capítulo do livro de Paul Ricœur, listados na bibliografia.